

A prosa do sempre político Sarney

LITERATURA e política andaram sempre de mãos dadas na vida do Presidente José Sarney. E não só por conta de sua tão citada poesia.

Norte das águas, elogiado livro de contos, foi publicado pela Editora Martins, de São Paulo, quando ele era Governador do Maranhão. A Presidência, agora, torna a chancelar o contista. Chegou esta semana, às livrarias, **Brejal dos guajas e outras histórias**. Uma surpresa programada pela Alhambra, do Rio, para correr as ruas junto com a campanha presidencial, em novembro do ano passado.

Em 4 mil exemplares, capa sóbria e elegante, um pouco da prosa de um regionalista que investe na poesia popular, nos ditos espirituosos e nos tortuosos caminhos da política interiorana... "É da política que ele extrai a matéria-prima de sua literatura, em que se fundem harmoniosamente o documental e o reivindicatório" — enfatiza o também maranhense Lago Burnett, autor do prefácio e um dos publicados da Alhambra, editora pequena, empenhada em escavar preciosidades (no seu catálogo constam, por exemplo, *Lazarillo de Thormes* e *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstoi).

Diz mais, Lago Burnett. Que José Sarney é fabulista, "fiando e cardando com os elementos da sua contextura novelística". Essa faceta está presente, principalmente, nas duas histórias pequenas que encerram o livro: **O camarista Bertoldo**, e o lírico **O cavalo Graúna**, com implicações fantásticas, sobrenaturais. **Brejal dos guajas** era um dos contos que integravam o **Norte das águas**, o livro anterior, reeditado duas vezes. E o próprio autor optou por dar-lhe o destaque.

O tema, o escritor José Sarney conhece de sobra. Uma cidade dividida por facções políticas dentro de um mesmo partido. Uma, comandada pelo coronel Francelino Procópio dos Santos, **Javali** de apelido. Outra pelo primo deste, o



coronel Manuel Guimarães, conhecido por **Né Guiné**. Nesse cenário, o autor mostra seus dons de observador e compilador, juntando casos e frases saborosas num tecido ficcional. O resultado é desigual. Mas tem sentenças que são verdadeiros achados, algumas das quais Lago Burnett tem o cuidado de pinçar e colocar em seu prefácio. Como a frase do pároco João, espécie de mediador do vilarejo: "Nossa corruptela é pequena, mas civilizada." Ou como a apreciação que **Javali** faz de **Né Guiné**: "Aquilo é como estopa: não tem avesso nem direito..."

Em **O camarista Bertoldo**, o autor solta mais o humor peculiar e a queda para a poesia. E alerta quem procura o livro, à cata de um perfil do Presidente, entrelinhas: "Sou um homem independente. Votarei pela minha consciência" — garante Bertoldo. E mais no final: "Bertoldo estava solene, mais do que nunca agradecia a graça de haver de votar pela primeira vez, na volúpia daquele domingo domingueiro, de vento aberto e mexericos. A idéia fora sua e só sua. Para que ela chegasse ali no plenário fora preciso a terrível manobra das fórmulas e dos acertados."

Em **O cavalo Graúna**, uma espécie de Pégaso, o autor assina embaixo da imaginação popular. É só acreditar. Em se acreditando, tudo dá.